



Joaquim Pestana

Colectânea de textos e poemas

INTRODUÇÃO

Apesar de ser grande a obra literária e poética de Joaquim Pestana, o facto desta se encontrar dispersa por várias publicações — jornais e revistas —, algumas estrangeiras e outras, infelizmente, desaparecidas ou não disponíveis, mesmo nos arquivos, fazem com que, não só, não possa ser quantificada como alvo de consulta. Como se isto não bastasse, até um seu livro que, em 1901, já se encontrava concluído e que ele próprio o havia designado de *ESPINHOS E FLORES*, e que muito provavelmente deveria reunir não só algumas das suas obras já publicadas, mas também inéditos, acabaria por nunca chegar ao prelo e, mais grave ainda, por se perder.

Na década de 90, a *Girão* — Revista de temas culturais do concelho de Câmara de Lobos, através da reprodução de alguns dos seus poemas procurou dar a conhecer parte da sua obra, objectivo que não seria atingido, devido à vida efémera que teve tal publicação.

Sem os custos e a dificuldade de edição de uma publicação convencional, como era a revista *Girão*, a utilização da Internet, não só para a reunião, mas também para dar a conhecer a obra de Joaquim Pestana, parece-nos uma boa alternativa. Com efeito, para além de ficar acessível, a quem, em qualquer parte do mundo, a queira consultar, também permite a participação e colaboração activa dos leitores na tarefa de reunião da sua obra.

Feita mais esta tentativa de reunir a obra de Joaquim Pestana, esperemos que, por um lado, todos quantos têm conhecimento da existência de poemas ou textos deste poeta, colaborem nesta recolha enviando-os para esta página e, por outro, que um dia a Câmara Municipal de Câmara de Lobos, aceite o desafio de a publicar (em papel claro!).

Manuel Pedro Freitas

AO LUAR¹

(A minha mãe)

Que é a vida do homem senão esperança?
S. Figueira.

Minha mãe: à luz da lua,
Contemplando o ceo ridente,
Vejo sempre a imagem tua
A sorrir-me docemente!...

Hora grata, enternecida,
Para mim de muito amor!...
Quero ver-te assim na vida,
N'esta vida de amargor!...

Tu não sabes, mãe saudosa,
Como é triste o meu pungir!
Vejo a nuvem côr de rosa
Breve e lenta se sumir!...

O meu prisma se esvaece
Com mortiza e baça luz!...
Só revive, o seio aquece
Minha crença aos pés da cruz!

Minha mãe: à luz da lua,
Contemplando o céu ridente,
Vejo sempre a imagem tua
A sorrir-me docemente!

Joaquim Pestana

¹ Diário de Notícias, 18 de Março de 1877.
É provável que este, juntamente com um outro intitulado de mendigo, tenham sido os primeiros poemas de Joaquim Pestana publicados no Diário de Notícias do Funchal. Com efeito, numa nota publicada, neste órgão de informação, a 18 de Março era referido que "*por intervenção do Sr. Pinto Coelho obtivemos algumas composições poéticas do Sr. Joaquim Pestana, que tão pocos versos tem publicado nos periodicos do Funchal, em quanto que os envia para jornais do reino, especialmente para o Ramallete de Cristiano*".

MENDIGO²*(Ao Exmo. Sr. José Isidoro Pereira de Barros)*

Era ao sol-posto: meditava triste,
Ouvindo o canto do «papinho» a sós,
Eis que na brisa, prepassando meiga,
Sinto os suspiros d'um soffrer atroz.

Attento escuto, solitario extatico,
Do pobre a lyra, gemebunda corda;
Com voz sonora repetia o brado
D'um gemer fundo, do supulchro à borda:

«Já fui rico, feliz!... Opulencia
Tive outr'ora, co'o tempo a perdi;
Hoje, pobre, mendigo o sustento!
—Uma esmolha! condoe-te de mi!

Tive amigos! Qu'é d'elles? fugiram
Como a folha que o vento levou!...
Negra serpe cavou-me a ruína,
Dôr e luto à minh'alma legou!...

Minha esposa finou-se! na terra
Não me resta um encosto por cá
Tudo é findo! O que almejo somente
Este peito cruento o dirá!...

Sinto a esp'rança, fagueira, ditosa,
A alentar-me da crença o vigor;
Companheira da senda que trilho
Ora triste, d'acerbo rigor!...

Já fui rico, feliz!... Opulencia
Tive outr'ora, co'o tempo a perdi;
Hoje, pobre, mendigo o sustento!...
— Uma esmolla! condoe-te de mi!»

E foi passando, repetindo sempre
Sentida queixa, d'um soffrer assim;
Depois silencio! Campeava a lua
Mandando à terra seu fulgor sem fim!

² Diário de Notícias, 18 de Março de 1877.

DEUS³

*Creio em ti, Deus: a fé viva
De minha alma a ti se eleva.
És: - o que és não sei. Deriva
Meu ser do teu: luz ... e treva.*

Garrett.

Que diz o queixume da vaga ondulante,
A brisa que passa, levando o perfume
De mystica flor?
Que diz o susurro da folha da olaia,
O beijo materno, - de mãe carinhosa
Carpindo d'amor?

Que diz à fontinha no bosque distante,
Da selva o murmurio profundo, celestes,
Da lua ao clarão?
Que diz o rochedo que s'ergue gigante,
Da lyra o som triste saudoso e querido
De pobre canção?

Que diz o aroma que exhala a florinha
Já secca, mirrada, pendida na haste
D'intenso calor?
Que diz o arroio por entre a collina,
A planta que cresce no prado viçosa,
Da luz ao albor?

Que diz a donzella n'um meigo sorriso
Fitando as estrellas, que, em noite formosa,
Scintillam nos ceus?
Que diz a procella bramindo medonha,
O raio que assola, que fende e que mata,
Que diz? não é «Deus?»

³ Diário de Notícias, 23 de Março de 1877.

MEDITAÇÃO⁴

(No campo)

D'este cimo alcantilado,
Onde a relva o chão matisa,
Se descobre o verde prado,
Mansa fonte que deslisa!

Esta voz que sinto n'alma
Traz-me enlevos, e doçura;
D'este seio o pranto acalma,
Qu'ê pungente a desventura!...

Vejo alem, no firmamento,
A miragem que me enleia;
Extinguir vem o tormento,
Para sempre a negra idêa!

Corre lento, murmurando,
O ribeiro entre collinas;
O «papinho» vae trinando
Pelos valles e campinas!

Como é bello e magestoso
Contemplar o ceu, a terra!
Sentir n'alma eterno goso
P'las bellezas qu'ella encerra.

Deus criou tantos prodigios,
Tantos seres! Que sublime
Vêr nas penhas os vestigios
D'um poder que não se s'exprime!

Reverente elevo um hymno
De profano sentimento,
Contemplando o sol divino
Que se esconde a fogo lento!

⁴ Diário de Notícias, 23 de Março de 1877.

E semelha a facha ardente
Que illumina a noite escura,
Quando passa o caminhante
Pela senda da amargura!...

.....
.....

Mas agora olvida a mente
D'este mundo a feia dor!...
Crer nos manda um Deus clemente
De bondade e divo amor!

Como é bello e grandioso
Contemprar a natureza!
Sente um'alma eterno goso,
Sem da vida uma tristesa!

Joaquim Pestana

O CAPTIVO⁵

(A meu irmão Francisco António Pestana)

Corria a noite na mudez calada,
Brando susurro na masmorra ouvi,
Era o captivo que com voz magoada
Sentidas queixas suspirava assi:

«Vergado no peso do grilhão pesado
Quem há que possa sua dor calar?
Sentir a vida n'um soffrer cançado
Quem póde um hymno de prazer soltar?

Passar os dias na prisão escura,
Na fria lagea descansar, morrer!
Não ver da lua a sua imagem pura,
Nem doce aroma dos vergeis beber!

Este ambiente que respiro agora
Tem fel amargo, como é dura a sorte!
Talvez que em breve, n'uma feliz hora,
Colha o martyrio que reserva a morte!

Não sei que enganos, que desdouro vil
Me foi doado, sem culpado ser!...
Captivo arrasto meu viver senil,
Gemendo em ferros, sem allivio ter!

Meu Deus! eu creio n'essa gloria infinda
Que dás ao ente, qu'é curvado à dôr!
Eu tenho esp'rança de gosar ainda
Na patria eterna, divinal amor!

⁵ Diário de Notícias, 23 de Março de 1877.

Eu vivo exausto, sem alento, morto;
Só vejo a crença com mortiça luz;
Essa não finda que me mostra um porto
De paz, socego: seu emblema é a cruz!

Ai! sinto um frio que me gela o seio,
A voz s'xtingue! que mortal pallor!
E dentro d'alma, tão pungida, leio
Extremo alento d'immercida dôr!»

.....

Findava o canto. Num momento apenas
Um corpo inerte para o chão pendeu!
Senti as portas a ranger nos quícios,
E uma voz bradava - já morreu, morreu!

Joaquim Pestana

JUSTIÇA DE DEUS⁶*(Lenda)*

Em extremo alento, moribundo, exangue,
Jazia um rico; mas bondoso amigo.
Da dôr no leito contemplavam, viam
Fugir-lhe a seiva, sem um doce abrigo!

Eram parentes os que assim mediam
A intensa magoa d'essa dor no fim!
E quando ouviam proferir: — «eu morro!»
D'ali passavam, mormurando assim:

— «Oiro! que bello! como eu tenho ainda
Formosos dias para então gosar!
— Oiro! diz outro — dum trabalho insano
Eu quero a paga, vou por mim buscar!»

— «Fechae a porta, bem cerrada, presa;
Ninguem eu quero para aqui, ninguem!
Eis o momento de propicia estrella,
Quero oiro e vida!... Trabalhei tambem!»

— «Ai! desgraçado do que ousar agora
Abrir a porta sem mandado meu!
Minha vingança cahirá sobr'elle
Como dum Nero! Aqui mando eu!»

— «Não! — Diz um echo prolongado e triste,
Jamais tu queiras essa dor manchar!
Lembra os instantes de caricias tantas,
D'outr'ora o tempo de cruel penar!

Pagar-lhe agora com desprezo vil
Os mil carinhos que d'amor te deu?
Qu'e d'esses labios que pediam ávidos
Oiro e mais oiro? Não vos pune o ceu?»—

⁶ Diário de Notícias, 28 de Março de 1877.

Depois silencio!... Mas o rico ouvia
Fundo murmúrio d'um fallar d'horror!
Via os parentes, que lhe deu caricias,
Abandonal-o à sua intensa dôr!

—«Fechae a porta! — repetiam sempre,—
Ninguém eu quero para aqui, ninguém!»
—«Ai! — diz o rico — não pensava nunca
Que houvesse ingratos, como a terra os tem»

Longo suspiro que no quarto echôa
Foi prolongar-se para além, no ceu!
Elles contentes, n'essa louca orgia,
Diziam, vende-o: — «já morreu, morreu!»

N'esse momento appar'cia à porta
Recta justiça, — como manda Deus;
Foram expulsos d'essa casa amiga,
Severo premio dos excessos seus!...

Deram à campa, como sempre fazem,
O corpo inerte desse bom christão;
E sobre a lousa, na surdez calada,
Existe o emblema, qu'inda diz: —«perdão!»

Joaquim Pestana

AMAR E CRER⁷

Eu amo d'esta plaga a voz saudosa,
o vergel, a campina, o prado, a rosa,
o lindo azul dos ceus;
eu amo do poeta o canto ingente
quando sonha, delira, — inexperiente
eleva um hymno a Deus!

Eu amo do albor a luz formosa,
o trinar do «papinho» em tarde amena
depois do pôr do sol;
eu amo do crepusculo a hora maga,
a aragam que perpassa, e que m'enleia
ouvindo o rouxinol!

Eu amo da florinha o doce aroma
«como a essencia que fica na reduma
depois d'evaporada;»
eu amo da fontinha a imagem sua,
amo o astro que brilha e que fluctua
à luz da madrugada!

Eu amo do cantor as notas vagas,
o ermo, a solidão; da meiga lyra
o terno suspira!...
Eu amo do gemido o som plangente,
a crença que me guia, e que me embala
em santo meditar!

Eu amo désta plaga a voz saudosa,
o vergel, a campina, o prado, a rosa,
o lindo azul dos ceus!
Eu amo do poeta o canto ingente
quando sonha, delira, — inexperiente
eleva um hymno a Deus!

Joaquim Pestana

⁷ Diário de Notícias, 28 de Março de 1877.

ESPERANÇA E MORTE⁸

És, espr'ança, terna amiga
Companheira dos mortaes;
És a virgem caprichosa
Que me adoça os tristes ais!

És a imagem de meus sonhos,
Minha estrella e meu porvir;
E's a gloria, a liberdade.
Doce aurora a me sorrir!...

E's do céo lampejo infindo,
Luz que brilha e me seduz;
E's da lyra o tom saudoso,
Aureo prisma que reluz!...

Quando a seiva fôr extincta
Minha crença reproduz!
Quero vêr a face pura
Do meu pae, o meu Jesus!

E depois... pender quizera
Sob a lagea tumular;
Ter por tecto o firmamento,
Do albor a luz sem par.

Do cypreste à sombra triste
Não me iria então chorar!
Nem da terra o som carpido
Lá me iria despertar!...

Nem podera! que a saudade
Só conforto ao vivo dá!...
Na mansão da soledade
Quem o morto acordará?

⁸ Diário de Notícias, 28 de Março de 1877

Mas o pranto acorda n'alma
Do passado... uma illusão!
Segredar vae sobre a lousa
Mysterios do coração!...

Lá não chegam cantos, hymnos,
Dos salões a meiga luz!
Tudo é ermo, solitário...
Só campeia a santa cruz!

Dá-me esp'rança, ho astro amigo,
Na procella um só fulgir;
Sentir quero o teu perfume
Té na campa me sumir!

Joaquim Pestana

A VISÃO⁹

Sentado estava na planície agreste,
Bebendo o aroma que o vergel brotou,
Quando nos ares terna voz, celeste,
Breve e pausada n'este tom bradou:

«Tem a vida mil queixumes,
Tem sorrisos, pranto e dôr;
Porem tudo finda e morre
Aos mandatos do Senhor!

Ai, não scismes! Tem coragem
N'essa estrada dura e triste!
Vê no céu a pura imagem
Já que a dor na terra existe!

De que vale o pensar fundo
N'essas horas de illusão?!
É pungir que te magóá,
Que te fere o coração!...

.....

Ai! Contempla a for mimosa
Resistindo ao vendaval;
Como é bella e caprichosa
Entre as flores do rosal!

Quem lhe deu suave aroma,
Mago, enlevo, o seu condão?
Quem ergueu a altiva cóma
Do rochedo na amplidão!

⁹ Diário de Notícias, 29 de Março de 1877.

Quem a vaga fez bramar,
Deu ao sol a rotação?
Quem à estrella o seu fulgir
Dando a luz à escuridão?»

Nada mais disse. No espaço eu via
Ligeira nuvem que se erguia aos ceus;
Depois um echo prolongado e meigo
Foi pelos valles repetir: — «é Deus!»

Joaquim Pestana